

PERSPECTIVA HISTÓRICA DO DESENVOLVIMENTO CULTURAL NA ETIÓPIA

WILLIAM B. DAVIS, DIRETOR DO SERVIÇO DE DIVULGAÇÃO E RELAÇÕES
CULTURAIS DOS ESTADOS UNIDOS NA GUINÉ.

Todo homem é produto de sua cultura. A cultura é resultante da conduta de qualquer sociedade, inclusive seus artefatos, sabedoria acumulada e critério de valores, nos quais seus membros convivem. Também é a expressão das artes, da vida familiar, recordações da infância, casamento e côrte, educação, ocupações, govêrno, em suma — é a herança total da sociedade, potencialmente valorizada pelos seus membros.

Portanto, o povo é a soma total de suas experiências. Os etíopes, que contam com uma sabedoria que data dos tempos de Moisés, apresentam um alto grau, uma singular densidade social e um complexo cultural específico.

De acôrdo com a Bíblia — Números, Cap. 1 ver. 22 — Moisés se casou com uma mulher etíope. E, de acôrdo com a lenda, no século X a.C., Makeda, Rainha de Sabá, visitou Salomão. Numa demonstração de sua grande sabedoria, Salomão conquistou a Rainha, da qual teve um filho chamado Menelik I, que, mais tarde, foi indicado pelo pai para ser o Rei da Etiópia. Ficou, assim, inaugurada a Dinastia Salomônica, que continua até hoje com o presente Imperador, Sua Majestade Hailé Selassié I, Rei dos Reis da Etiópia e Leão Conquistador da Tribo de Judá.

O que sucedeu nestes 3.000 anos é de vital importância, porque oferece as chaves para a interpretação do orgulho étnico, bem como das atitudes que os etíopes manifestam, de vários modos, ainda hoje. Para que isso seja melhor compreendido, iremos considerar brevemente alguns aspectos da história da Etiópia, suas tradições e, então, avaliar o moderno comportamento etíope.

Antes da Era Cristã, a Etiópia já tinha imigração e negócios com o Exterior. Entre os anos 1.000 e 500 a.C., árabes semitas do Iêmem imigraram para a Etiópia, trazendo consigo uma cultura mais adiantada. No século I d.C., o reinado de Aksum floresceu na região agora conhecida sob o nome de Província do Tigre. No séc. III d.C. o reinado de Aksun se estendeu, incluindo parte do sudoeste da Arábia. No séc. IV d.C., a cristandade se impôs na Etiópia, tornando-se a religião nacional. O primeiro Código de Leis apareceu na Etiópia no século XII.

N.R. Conferência pronunciada na Associação Cultural Brasil-Estados Unidos, Salvador, Bahia, em 20 de agosto de 1969.

Cêrca do ano de 1150, a Dinastia Zague conquistou o poder, tendo o rei reclamado sua descendência de Moisés e de sua espôsa etíope, enquanto Aksun era derrotado por uma rainha usurpadora chamada Yodit. Ela foi a única rainha judia que jamais governou alguma parte do Império Etíope.

Do século XIII até os dias de hoje, a Etiópia tem sido vítima de inúmeras invasões de inimigos exteriores. A maioria dessas invasões foi perpetrada pelos partidários do Islamismo. Uma das mais significativas resultou na batalha da Etiópia cristã contra o chefe muçulmano chamado Ahmed Gran (Ahmed, o canhoto), entre os anos de 1527 a 1543. Ajudado pelos turcos, que introduziram o uso da pólvora na Etiópia, Ahmed quase conquistou o país.

Com o auxílio de tropas portuguesas, comandadas por Cristóvão da Gama, os etíopes conseguiram vencer a batalha. Os cristãos coptas tinham então, relativo domínio, até que chegaram missionários católicos, que tentaram a conversão do povo ao Catolicismo.

Entre 1603 e 1607, um jesuíta espanhol, chamado Pedro Paez, conseguiu a conversão do Imperador Za Dengle à Igreja. A reação do povo etíope foi imediata e o Imperador foi assassinado. O sucessor de Za Dengle foi o Imperador Susenyos. Paez também logrou convertê-lo ao Catolicismo. Excomungado o Imperador da Etiópia pelo arcebispo, seguiu-se uma série de rebeliões. Não tendo sido Paez vitimado por morte violenta, veio a falecer de morte natural em 1622. Nesse meio tempo, uma guerra religiosa se espalhou por todo o país, e chegou ao seu clímax em 1632, na batalha chamada dos Camponeses de Lasta. O Imperador Susenyos restabeleceu a Igreja Copta Etíope e, em seguida, abdicou em favor de seu filho Fasilidas. Este, por seu turno, ordenou a deportação dos jesuitas. Os católicos etíopes foram ou banidos ou executados. As fronteiras foram fechadas a todos os missionários, começando então uma era de isolamento da Etiópia que perdurou até o princípio do século XIX.

Isolada do mundo exterior, a Etiópia desfrutou de um período de paz com seus vizinhos, o que deu oportunidade a que os etíopes comesçassem lutas intestinas. O país se desuniu. Pela altura de 1800, havia seis reis diferentes em várias regiões da Etiópia, simultaneamente.

Em 1855, um brilhante estrategista, que tinha fama de bandido, derrotou os demais reis, coroando-se a si mesmo com o título de Teowdros II, Rei dos Reis e Imperador de toda a Etiópia. Desde que não possuía sangue real em suas veias, o nôvo imperador criou uma falsa genealogia e tentou a unificação do Império. Mas, precisamente porque não tinha ascendência real, o povo o repudiou. Eles se mostravam mais interessados em sua prosápia do que nos planos que tinha para o desenvolvimento do país. Mas, quanto mais o povo se lhe opunha, mais êle o oprimia. Abriu um pouco as fronteiras da Etiópia para a Europa, de quem procurava obter ajuda para a modernização do país. Daí terem entrada facilitada alguns comerciantes e missionários nesse período.

A paz e a tranqüilidade, porém, não demoraram muito. O Imperador Teowdros logo percebeu que, mais uma vez, os muçulmanos voltavam a perturbar a Etiópia. Pediu ajuda da Inglaterra e da França. Napoleão Bonaparte, contudo, ignorou o imperador etíope.

Com a ameaça de invasão sempre mais iminente, Teowdros entrou em desespero. Resolveu que os missionários europeus residindo na Etiópia deveriam ajudá-lo a proteger seu Império. Ordenou que os missionários fabricassem canhões para o seu exército. Estes se queixaram, dizendo que eram homens religiosos e que nada entendiam de armas de guerra. Teowdros comunicou-lhes, na linguagem mais crua, que ou eles fariam canhões para si ou seriam mortos. Os missionários fabricaram canhões.

Foi durante o período de 1860, quando o presidente Abraão Lincoln tentava unir os Estados Unidos da América, que Teowdros viria a tentar por seu lado, unir a Etiópia. Teowdros enviou uma carta à Rainha Vitória da Inglaterra, pedindo sua ajuda. Dizia ser o Imperador de uma "Ilha Cristã" rodeada de um "Mar de Muçulmanos", e precisava da ajuda de outro país cristão.

Na versão amárica da agora famosa carta, Teowdros dizia à Rainha Vitória: "Apertemo-nos as mãos". A carta nunca foi respondida. Muitos etíopes dizem que, quando os altos funcionários do governo britânico leram a carta, pensaram que Teowdros estava propondo casamento à Rainha Vitória.

Depois de esperar um tempo razoavelmente longo por uma resposta à sua carta, Teowdros ficou aborrecido e, progressivamente, quase chega à loucura. Prendeu o cônsul inglês e sessenta súditos britânicos que se encontravam na Etiópia, e os meteu em correntes.

Finalmente, uma força britânica de cerca de 3.400 homens, comandadas por Sir Robert Napier, dirigiu-se para a Etiópia e combateu o exército de Teowdros. As tropas britânicas venceram o combate e libertaram os prisioneiros. Teowdros preferiu suicidar-se a entregar-se ao poder estrangeiro.

Mais tarde, em 1885, os italianos invadiram a Etiópia. Foram, contudo, vencidos pelas forças etíopes sob o comando do Imperador Menelik II. Foi precisamente Menelik II que iniciou um programa nacional de modernização da Etiópia, dando ao povo luz elétrica, telefones e um sistema de escolas públicas.

Hailé Selassié seguiu Menelik II no trono da Etiópia e tornou-se o 255.º monarca da dinastia salomônica dos imperadores etíopes. Em 1931, ofereceu ao povo a primeira Constituição e estabeleceu um Parlamento com um Senado e uma Câmara de Deputados. A Etiópia tinha, pois, percorrido um longo caminho, mas ainda deveria enfrentar novos problemas.

Em 1935, forças italianas, mais uma vez, invadem a Etiópia e ocupam o país até 1941, quando forças inglesas repelem os italianos e o Imperador Hailé Selassié novamente assume o trono.

Com esta longa história de invasões de estrangeiros e com os tumultos internos, naturalmente se explica porque os etíopes olham para

os seus vizinhos com certa suspeição. Contudo, apesar de suas dificuldades, mantiveram suas identidades tribais, através de uma estrita observação de tradições locais, e desenvolveram uma unidade nacional através da Igreja Copta Cristã. Há mais de 100 grupos étnicos na Etiópia.

Apesar da complexidade de sua população multitribal, uma cultura proeminentemente nacional predomina em todos os grupos na Etiópia. Isso resulta da crença obstinada e amplamente difundida de que há uma espécie de fatalismo, conhecido como *iddil*. Os etíopes sempre acreditaram que o que tem de suceder, sucederá, não importa o grau de interferência humana que intente modificar o destino de cada um.

Outra característica do caráter nacional da Etiópia é o conceito de tempo. Uma expressão favorita da língua amárica é *ishi nege*, que quer dizer: "pois sim, amanhã".

Os norte-americanos e outros povos do Ocidente concebem o tempo como algo linear, de natureza fixa, que nos envolve e do qual não podemos escapar. Esquecemo-nos que, de fato, nós criamos o tempo, estabelecendo limitações fixas. Os etíopes concebem o tempo como algo cíclico: não volta, mas tampouco se perde.

Um terceiro aspecto do caráter nacional etíope é o que é chamado "cêra e ouro". Isso se refere à ambigüidade da língua amárica, e ao modo como o povo a usa. A "cêra" é o que o etíope parece dizer; o "ouro" é o que êle realmente quer significar. Este modo de dizer está de tal modo entranhado na cultura etíope que as crianças têm que aprender, desde tenra idade, a diferença do que é dito e do que se tem em mente. O nível intelectual de um adulto na Etiópia é freqüentemente julgado por sua habilidade não apenas em saber a diferença entre o dito e o intencionado, mas pela habilidade em responder com o mesmo espírito. O etíope crê que a expressão direta e o comportamento terra-a-terra é característica de pessoa inculta e pouco refinada.

Uma quarta característica do caráter nacional etíope é a atitude negativa em face do trabalho. Contudo, é bom notar que esta não é considerada atitude típica da tribo guarage, que é reconhecida, através de todo o país, como povo notavelmente trabalhador. Contudo, para a maioria dos etíopes, é tradição que o trabalho é para os infelizes.

Ora, a sociedade etíope está em plena transformação. A elite dos jovens está em dia com os novos valores. Sua atitude está mudando. Porém, ainda que reconheça, e assiduamente defenda a antiga glória do império, está convencida de que se trata de uma história passada. Começa a acreditar que há um futuro que pode ser controlado, e ela quer controlá-lo. De algum modo, o conceito de *iddil* ainda permanece, mas está agora tomando um aspecto secundário na sociedade.

Enquanto o *ishi nege* ainda é parte indispensável da linguagem amárica, os jovens etíopes querem atualmente mais realizações. Inclusive, estão mudando sua conceituação em tórno do trabalho.

Componentes da jovem elite acham que a modernização da Etiópia não está se processando no ritmo ideal. Os etíopes de mais idade acham que está se processando demasiadamente rápida.

O Imperador Hailé Selassié se esforça para encontrar um equilíbrio entre os dois pontos-de-vista opostos, enquanto trabalha diligentemente a fim de conseguir um maior desenvolvimento social em seu país.

O desenvolvimento da educação na Etiópia sob o Imperador Hailé Selassié tem sido enorme. Contudo, quanto maior o número de estudantes que atingem melhor nível, mais aumenta o número de problemas para o atual governo etíope. Enquanto os estudantes não protestam diretamente contra o Imperador, pessoalmente, eles protestam contra certos atos do governo imperial, o que vem a ser uma modalidade do “cêra e ouro”.

Em muitas sociedades, protestos legítimos podem trazer melhoria. Afinal de contas, o *progresso não é conseguido por pessoas satisfeitas*. Como também, insatisfações mal dirigidas levam da mais simples confusão à anarquia, e da anarquia ao completo caos. Com freqüência, os estudantes na Etiópia, como em muitos outros países do mundo, sabem que estão contra, mas não estão completamente seguros do que conseguiriam se as coisas lhes fôsse favoráveis, — se soubessem, de fato, em favor do que se manifestam.

Apesar do grande interesse de parte da jovem elite etíope em apressar a entrada do seu país no século XXI, ela ainda manifesta fé e respeito por muitas das tradições culturais da Etiópia. Os etíopes não querem mais que seus pais escolham mulher ou marido para si. Querem fazer essa escolha pessoalmente; mas isso não impede que continuem pedindo a bênção de seus pais para os seus casamentos.

Os jovens etíopes gostam de *jazz* e das danças modernas. Contudo, apreciam mais a música etíope, tocada no *washint*, no *begana*, no *krar* ou no *masinko*. Contudo, ainda que tenham habilidade quase profissional para o samba e outras danças populares, eles conseguem maior vibração praticando o *eskeesta*, ou a dança dos ombros, que é uma tradição entre os etíopes.

Por outra parte, muitos etíopes usam roupa à ocidental, embora nas ocasiões mais solenes prefiram o uso dos seus trajes nativos: o *shema* ou o *netelà*. Comem e gostam de alimentos de outras nações. Mas nenhuma dessas comidas pode satisfazer melhor o apetite do que as nativas — *wet* e *injera*. O *wet* é um ensopado de carne ou legumes fortemente carregado de uma pimenta chamada *berbere*. *Injera* é uma espécie de pão de forma achatada, feito de um grão chamado *teff* que, segundo se sabe, só cresce na Etiópia. Os etíopes também bebem vinho, cerveja e uísque de outros países, porém nada lhes agrada mais ao paladar do que o gosto refrescante do seu tradicional *tej* e o *tellah*. *Tej* é um vinho feito de mel. *Tellah* é uma cerveja de fabricação doméstica, da fermentação de um cereal nativo. Os etíopes ainda usam o costume de balançar a cabeça para a frente, dizendo “muito obrigado”, mas o que realmente significa é “não, muito obrigado”.

Culturalmente, os etíopes constituem um povo orgulhoso do seu passado, impaciente com o presente, e otimista quanto ao futuro. Pos-

suem uma deliciosa mistura de costumes antigos e tradições, com uma crescente concepção da vida moderna.

De um ponto-de-vista situado há 3.000 anos na história da humanidade, Etiópia e etíopes avançaram através de muitos caminhos e atri-bulações, e surgiram como uma poderosa nação, cujos ancestrais sonha-ram com um isolacionismo, mas cuja geração presente desempenha um importante papel no mundo de hoje.

HISTORICAL OUTLOOK OF THE CULTURAL DEVELOPMENT IN ETHIOPIA.

Ethiopia occupies a very unique historical position among African countries. Well known since ancient times, Ethiopia added new traits to its history with the introduction of Christianity. This explains many things about modern Ethiopia, dating from its first contacts with western Europe.

In its recent history, Ethiopia has been the victim of numerous in-vasions, the latest of which was that of Fascist Italy.

"Culturally", says the authour, "the Ethiopian people are proud of their past, impatient about the present and optimistic about the future".

PERSPECTIVE HISTORIQUE DU DÉVELOPPEMENT CULTUREL EN ETHIOPIE

L'Ethiopie occupe une position historique très particulière parmi les pays africains. Connue du monde occidental dès l'Antiquité, l'Ethiopie ajouta de nouvelles caractéristiques à son Histoire, avec l'introduction du Christianisme, dont la religion copte est devenue une branche séparée.

Tout cela explique beaucoup de traits de l'Ethiopie moderne, sur-tout a partir des premiers contacts avec l'Occident européen. Dans sa récente histoire, l'Ethiopie a été victime de plusieurs invasions, la der-nière étant celle de l'Etat italien fasciste. "Culturellement, écrit l'auteur, les Ethiopiens constituent un peuple fier de son passé, impatient à l'égard du présent et optimiste pour son futur".